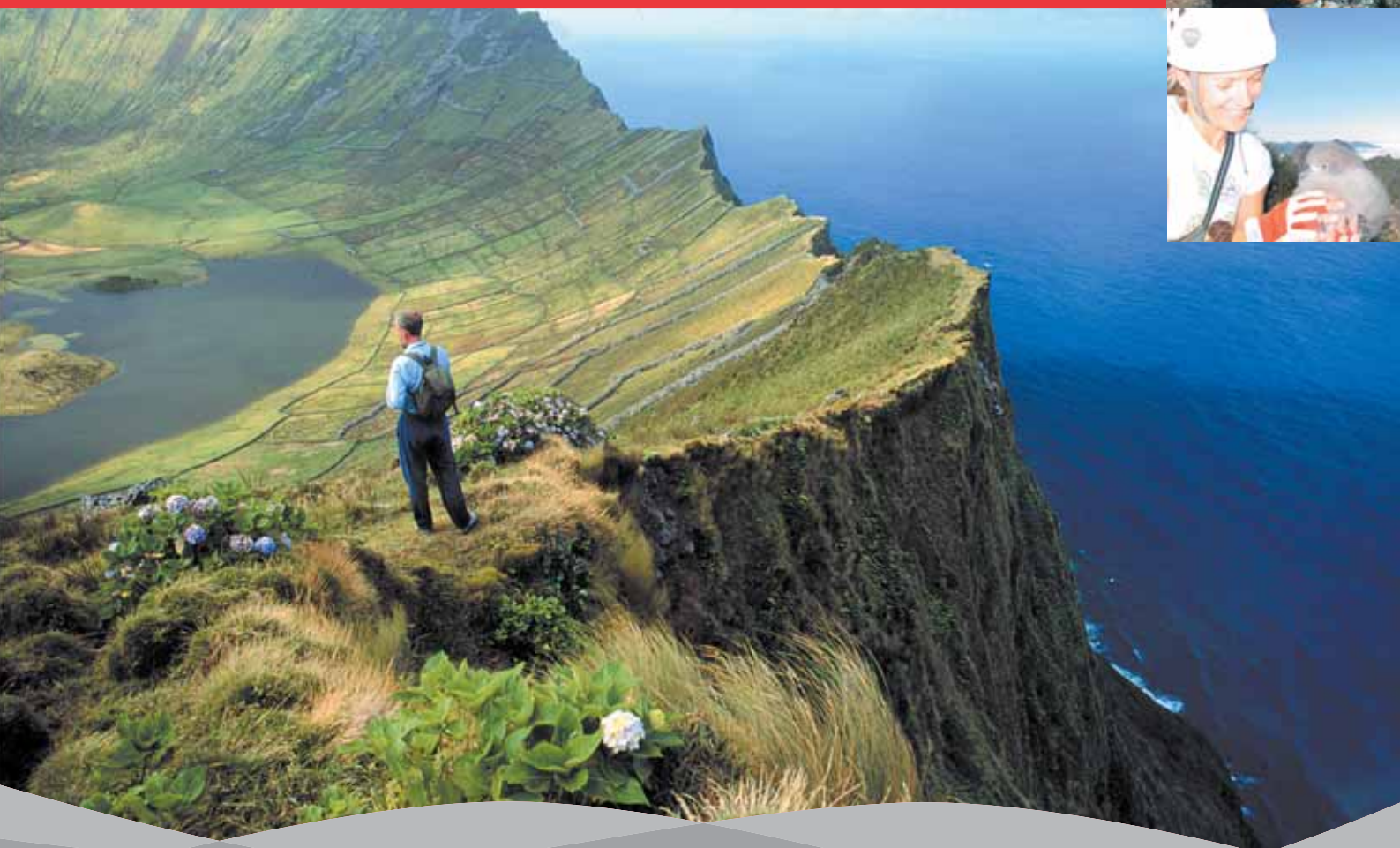




Natura 2000 na região macaronésica



COMISSÃO
EUROPEIA



ambiente

Comissão Europeia
Direcção-Geral do Ambiente

Autor: Kerstin Sundseth, Ecosystems LTD, Bruxelas

Editor: Susanne Wegefelt, Comissão Europeia, Unidade B2
— Natureza e Biodiversidade, 1049 Bruxelas

Colaboração: Joaquim Capitão, John Houston

Agradecimentos: Centro Temático Europeu para a
Diversidade Biológica e Universidade Católica de Lovaina,
Departamento SADL, pelos dados necessários
à elaboração dos quadros e mapas

Grafismo: Nature Bureau International

Fotografias: Capa: Ilha do Corvo, Açores — Luís Monteiro,

ImagDOP. Imagens: Manuel Naranjo, R. Prieto, **ImagDOP,**

Carlos Ibero, Parque Natural da Madeira. Contracapa:

Estrela-do-mar nos Açores — J. Fontes, **ImagDOP**

Para mais informações sobre Natura 2000, consultar
<http://ec.europa.eu/environment/nature>



Índice

Região macaronésica — Ilhas vulcânicas em alto-mar.....	p. 3
Natura 2000 nos Açores	p. 5
Mapa dos sítios Natura 2000 na região macaronésica	p. 6
Natura 2000 na Madeira.....	p. 8
Natura 2000 nas Canárias	p. 9
Gestão dos sítios da região macaronésica	p. 10

*Europe Direct é um serviço que responde
às suas perguntas sobre a União Europeia*

Linha telefónica gratuita (*):
00 800 6 7 8 9 10 11

() Alguns operadores de telefonia móvel não permitem o acesso
aos números iniciados por 00 800 ou cobram as chamadas*

Para mais informações sobre a União Europeia, consulte
<http://ec.europa.eu>

Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2010

© Comunidades Europeias, 2010

2010 — 12 p. — 21 x 29,7 cm

ISBN 978-92-79-13177-6

doi:10.2779/71068

Reprodução autorizada mediante indicação da fonte.
As fotografias estão sujeitas a direitos de autor, não
podendo ser utilizadas sem a prévia autorização escrita
dos seus autores

Printed in Belgium

Impresso em papel reciclado que obteve o rótulo
ecológico europeu para papel gráfico
(<http://ec.europa.eu/environment/ecolabel>)





El Teide, Tenerife, Canárias. Fotografia © Kerstin Sundseth

Região macaronésica

— Ilhas vulcânicas em alto-mar

Na UE, a região macaronésica é composta por três arquipélagos: os Açores, a Madeira (ambos pertencentes a Portugal) e as Canárias (Espanha). As ilhas são de origem vulcânica, o que está bem patente na sua paisagem. Grandes caldeiras, montanhas recortadas e falésias vertiginosas contrastam com amplos vales e baías protegidas.

Esta paisagem variada, aliada a um clima ameno, propicia o ambiente ideal para uma grande diversidade de espécies e habitats, muitos dos quais endémicos. Apesar de representar apenas 0,2% do território da UE, a região macaronésica alberga cerca de um quarto das espécies vegetais enumeradas no anexo II da Directiva Habitats. O mar circundante também apresenta grande abundância de vida selvagem. Inúmeros animais marinhos, desde baleias a aves marinhas, procuram abrigo e alimento nas profundas águas costeiras e nos afloramentos ricos em nutrientes que emergem dos fundos marinhos.

Examinando cada um dos grupos de ilhas individualmente, podem identificar-se vários traços distintivos. As nove ilhas que constituem o **arquipélago dos Açores** situam-se, por exemplo, no mar alto, a um terço do caminho entre a Península Ibérica e a Terra Nova, no Canadá. O seu clima é relativamente húmido e apresentam uma composição de espécies diferente da dos outros arquipélagos, mais influenciada pelas espécies da Europa setentrional do que pelas do Mediterrâneo. As ilhas apresentam igualmente uma topografia comparativamente pouco acidentada, de aparência ondulada, e colinas suaves, sem precipícios abruptos.

Estas características fazem do arquipélago o local ideal para a produção de lacticínios. De facto, os Açores produzem cerca de um terço dos produtos lácteos de Portugal e o sector dá emprego a mais de um quinto dos habitantes das ilhas.

O **arquipélago da Madeira** situa-se 750 km mais a sul e está muito mais próximo de Portugal continental. É composto por duas ilhas principais e uma série de pequenas ilhas desabitadas. Ao contrário dos Açores, a topografia da Madeira é íngreme e acidentada. O pico mais alto eleva-se bruscamente a 1 861 m. Consequentemente, metade das encostas têm uma inclinação mínima de 25%. Esta paisagem abrupta influencia fortemente o clima local, tornando-o muito mais húmido nas encostas viradas a norte do que nas viradas a sul. Os cumes das montanhas estão frequentemente envoltos em nuvens. As ilhas mais pequenas escapam a estas influências, uma vez que se encontram abaixo da cintura de nuvens.

A agricultura é a principal actividade económica da Madeira, embora a paisagem agreste a limite à produção de subsistência, em pequena escala. O turismo é outra actividade de importância capital, representando 10% do PIB da ilha e dando emprego a uma percentagem significativa dos 250 000 habitantes.

	Açores	Canárias	Madeira
N.º de tipos de habitats**	26	23	16
N.º de animais**	2	6	17
N.º de plantas**	25	66	46
N.º de ZPE*	15	27	4
N.º de SIC	23	173	11
Área total (ha)	33 965	419 291	42 517
Área terrestre	25 051	280 469	21 916
% de superfície terrestre	10,7	37,6	27,5

* Observa-se uma sobreposição importante entre SIC e ZPE. Certos sítios foram designados ao abrigo de ambas as directivas, dada a presença de diferentes espécies e tipos de habitats.

** Enumeradas na Directiva Habitats.

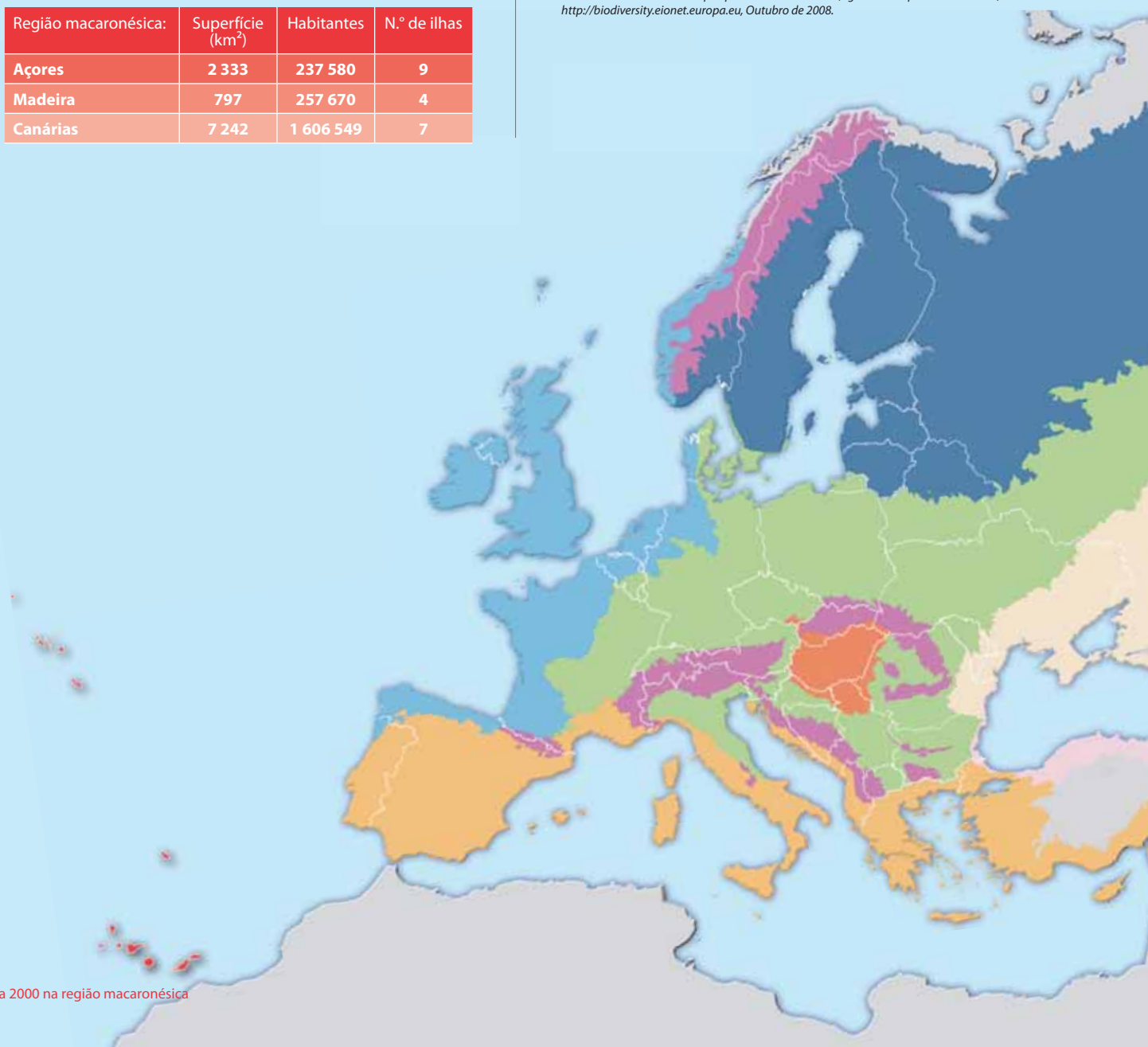
O terceiro grupo, o **arquipélago das Canárias**, é de longe o maior, cobrindo uma superfície total de cerca de 7 000 km², com mais de um milhão e meio de habitantes. São também as ilhas mais orientais, situando-se a apenas 115 km do continente africano. Por conseguinte, o clima é em geral muito mais ameno e seco, dando origem a condições climáticas áridas, próximas das do deserto, nas ilhas de fraca elevação como Lanzarote ou Fuerteventura. Em contrapartida, as ilhas mais ocidentais apresentam uma topografia mais acentuada, com picos que atingem vários milhares de metros.

Com 3 718 m de altura, o El Teide, em Tenerife, é o ponto mais alto de Espanha. O turismo é a actividade económica mais importante das Canárias. Com mais de 11 milhões de turistas por ano, este sector continua a expandir-se, sobretudo ao longo da costa. A agricultura mista e em socalcos ainda é praticada no interior, mas tende a desaparecer rapidamente, dado que cada vez mais pessoas abandonam as terras à procura de melhores rendimentos noutras paragens. No seu lugar instalaram-se culturas tropicais e forçadas (ananás, banana, manga, etc.) destinadas ao mercado de exportação. Hoje em dia, estas culturas representam quase três quartos da produção agrícola.

Região macaronésica:	Superfície (km ²)	Habitantes	N.º de ilhas
Açores	2 333	237 580	9
Madeira	797	257 670	4
Canárias	7 242	1 606 549	7

Região	Países abrangidos	% do território da UE
Atlântica	Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Irlanda, Países Baixos, Portugal, Reino Unido	18,4
Boreal	Estónia, Finlândia, Letónia, Lituânia, Suécia	18,8
Continental	Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Dinamarca, Eslovénia, França, Itália, Luxemburgo, Polónia, República Checa, Roménia, Suécia	29,3
Alpina	Alemanha, Áustria, Bulgária, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Finlândia, França, Itália, Polónia, Roménia, Suécia	8,6
Panónica	Eslováquia, Hungria, República Checa, Roménia	3,0
Estépica	Roménia	0,9
Mar Negro	Bulgária, Roménia	0,3
Mediterrânica	Chipre, Espanha, França, Grécia, Itália, Malta, Portugal	20,6
Macaronésica	Espanha, Portugal	0,2

Fonte: Centro Temático Europeu para a Biodiversidade (Agência Europeia do Ambiente) <http://biodiversity.eionet.europa.eu>, Outubro de 2008.





Ilha Terceira, Açores — Fotografia © S. Vizinho, ImagDop, Campânulas dos Açores — Fotografia © Hélder Fraga

Natura 2000 nos Açores

Em pleno oceano Atlântico, os Açores estendem-se por uma distância de 600 km. O seu clima é predominantemente oceânico, com temperaturas suaves durante todo o ano e uma precipitação média elevada. Sendo as ilhas mais húmidas da região macaronésica, possuem um número excepcionalmente elevado de lagos, piscinas naturais, lagoas sazonais e cascatas. Esta abundância de água permitiu igualmente a formação de turfeiras locais e bosques húmidos que não existem em mais nenhuma ilha da região.

Os litorais recortados albergam uma grande variedade de habitats costeiros que incluem praias rochosas, sapais, baías, lagoas e falésias com vegetação. É nestas últimas que se encontram muitas espécies endémicas, como a *Azorina vidalii*, um tipo de campanulácea. Outros habitats terrestres incluem charnecas de ericáceas, matos secos, campos de lava, encostas rochosas e florestas de laurissilva e de zimbro. No total, 26 habitats dos Açores são abrangidos pela Directiva Habitats.

Graças ao seu relevo relativamente suave e à riqueza dos solos, muitas das ilhas foram sujeitas a uma intensa actividade agrícola, encontrando-se agora fortemente desflorestadas. Assim, já só restam 2% da floresta original de laurissilva. O priolo (*Pyrrhula murina*), endémico nos Açores, vive nestas florestas, pelo que também está seriamente ameaçado. Espécie muito frequente no passado,

calcula-se que hoje em dia apenas existam entre 200 a 300 casais na ilha de São Miguel.

Em termos gerais, os Açores não são tão ricos em espécies como a Madeira ou as Canárias, devido à grande distância que os separa do continente, às influências predominantes da Europa setentrional e à utilização intensiva dos solos (metade das plantas vasculares foram introduzidas). Em contrapartida, o mar que rodeia os Açores é dos mais abundantes do Atlântico, graças aos ricos afloramentos que emergem dos fundos marinhos. Mais de 20 espécies de mamíferos marinhos — incluindo o roaz-corvineiro, o cachalote e a baleia-piloto — são comuns nestas águas.

O arquipélago é também especialmente importante para a reprodução das aves marinhas, dado que as suas ilhas se situam numa zona de transição entre os trópicos e as zonas temperadas. Em vários períodos do ano, os ares enchem-se do som rouco de milhares de pardelas-de-bico-amarelo (*Calonectris diomedea*) que regressam ao ninho após as suas expedições diárias à procura de alimento no mar. Durante a época de reprodução, metade da população mundial de pardelas-de-bico-amarelo encontra-se nos Açores. Outras aves marinhas raras que figuram no anexo I da Directiva Aves também se reproduzem nos Açores em elevado número. Entre estas espécies encontra-se a pardela-pequena (*Puffinus assimilis baroli*), o painho-da-madeira (*Oceanodroma castro*) e a andorinha-do-mar-rósea (*Sterna dougallii*).



Fotografia © Paulo Magalhães, ImagDOP

A andorinha-do-mar-rósea (*Sterna dougallii*)

A andorinha-do-mar-rósea passa a maior parte do tempo em África e no mar, antes de vir a terra para nidificar durante o Verão. Os Açores albergam mais de três quartos da população reprodutora europeia desta espécie. A andorinha-do-mar-rósea raramente nidifica isoladamente, preferindo procurar a companhia de outras colónias da sua espécie, mais agressivas e mais aptas a defenderem os seus ninhos dos ataques dos predadores. A principal ameaça para estas aves é o homem, assim como a predação e a deterioração dos seus locais de nidificação no alto das falésias, provocadas, por exemplo, pelo número excessivo de coelhos. Todos os sítios de nidificação na UE passaram a ser protegidos pela Natura 2000 e as populações estão a repor lentamente os seus efectivos graças a um programa internacional de recuperação da espécie.

Mapa dos sítios Natura 2000 na região macaronésica

A lista dos sítios de Natura 2000 na região macaronésica foi a primeira a ser adoptada, em Dezembro de 2001, tendo sido actualizada em Janeiro de 2008. No seu conjunto, a região macaronésica possui 211 sítios de importância comunitária (SIC) abrangidos pela Directiva Habitats e 65 zonas de protecção especial (ZPE) da Directiva Aves. Por vezes os SIC e as ZPE sobrepõem-se, o que significa que os números não são cumulativos. No entanto, calcula-se que as ZEP e as SIC cubram no total mais de um terço da superfície terrestre da região.

Número de tipos de habitat do anexo I e de espécies ou subespécies do anexo II da Directiva Habitats

Região	Tipos de habitat	Animais	Plantas
Atlântica	117	80	52
Boreal	88	70	61
Continental	159	184	102
Alpina	119	161	107
Panónica	56	118	46
Estépica	25	25	14
Mar Negro	58	79	6
Mediterrânica	146	158	270
Macaronésica	38	22	159

Fonte: Centro Temático Europeu para a Biodiversidade (Agência Europeia do Ambiente) <http://biodiversity.eionet.europa.eu>.

- Os valores não são cumulativos, já que diversos habitats e espécies estão presentes em duas ou mais regiões biogeográficas.
- As aves enumeradas no anexo I da Directiva Aves não foram incluídas, já que não se encontram classificadas por região biogeográfica.

Região	N.º de SIC	Superfície total coberta (km²)	Superfície coberta em terra (km²)	% da superfície total em terra	N.º de ZPE	Superfície total coberta (km²)	Superfície coberta em terra (km²)	% da superfície total em terra
Atlântica	2 747	109 684	68 794	8,7	882	76 572	50 572	6,4
Boreal	6 266	111 278	96 549	12,0	1 165	70 341	54 904	6,8
Continental	7 475	150 014	135 120	10,8	1 478	147 559	128 432	12,4
Alpina	1 496	145 643	145 643	39,7	365	93 397	93 397	31,1
Panónica	756	15 858	15 858	12,3	100	19 965	19 965	17,5
Estépica	34	7 210	7 210	19,4	40	8 628*	8 628*	24,4
Mar Negro	40	10 243	8 298	71,8	27	4 100	3 561	30,8
Mediterrânica	2 928	188 580	174 930	19,8	999	147 358	142 350	16,0
Macaronésica	211	5 385	3 516	33,5	65	3 448	3 388	32,3
TOTAL	21 612	655 968	568 463	13,3	5 004	486 571	429 615	10,5

Fonte: Centro Temático Europeu para a Biodiversidade (Agência Europeia do Ambiente) <http://biodiversity.eionet.europa.eu>, Outubro de 2008.

- As ZPE e os SIC não são cumulativos, na medida em que há uma sobreposição considerável.
- Certos sítios encontram-se na fronteira entre duas regiões biogeográficas e a base de dados não permite separá-los pelas regiões em causa. Assim, alguns desses sítios poderão ser contabilizados duas vezes.
- Não se encontram disponíveis as percentagens da superfície ocupada por água.
- As ZPE não são seleccionadas em função da região biogeográfica.
- A superfície das ZPE da região estépica foi calculada com base nos dados disponíveis no Sistema de Informação Geográfica (SIG).



1 Flores
Cervo

2 ilha de São Jorge
Graciosa

3 Açores, turfeiras e caldeiras

4 Priolos dos Açores

5 Parque marinho dos Açores

Other islands labeled: Faial, Pico, São Jorge, Terceira, São Miguel, Santa Maria.

Photos: M. Bolton, ImagDOP; S. Vizinhu, ImagDOP; P. Wirtz, ImagDOP; Robert Hofrichter, ImagDOP.



10 Canárias, Lanzarote

Photos © Carlos Ibero

■ SIC
■ ZEP
■ ZEP e SIC

11 Canárias, península de Jandia

Mapa baseado nas coordenadas dos sítios fornecidas pela Comissão Europeia através da Universidade de Lovaina, departamento SADL, Outubro de 2008

12 Canárias, Tamadaba

Photos © Consejería de Medio Ambiente del Gobierno de Canarias

6 Porto Santo, arquipélago da Madeira

7 Madeira, floresta de laurissilva

8 Madeira, ilhas Desertas

9 Madeira, ilhas Selvagens

Other islands labeled: Porto Santo, Madeira, Desertas, Selvagens.

Photos: M. Freitas; Parque Natural da Madeira; Parque Natural da Madeira; Cristina Abreu; Isabel Fagundes.



Vista da principal cadeia montanhosa da Madeira — Fotografia © Kerstin Sundseth. Imagens: cila-da-madeira (*Scilla maderensis*), planta endémica — © Parque Natural da Madeira

Natura 2000 na Madeira

A Madeira é o menor dos três arquipélagos, com uma superfície de apenas 810 km². É composto por duas ilhas principais, Madeira e Porto Santo, e por uma série de pequenas ilhas desabitadas, as Desertas e as Selvagens.

Com a sua topografia muito acidentada e cumes de grande elevação, a ilha principal tem um clima subtropical, fortemente influenciado pela altitude. As encostas a norte são sistematicamente mais húmidas do que a sul e as terras altas, acima da linha das árvores, são frequentemente expostas a chuvas, ventos fortes ou mesmo a neve, durante o Inverno. As outras ilhas situam-se abaixo da cota de condensação, sendo por isso semi-áridas.

A Madeira já foi em tempos totalmente coberta por florestas, daí o seu nome. Embora estejam reduzidas a 20% da sua superfície original, a Madeira ainda possui a floresta de laurissilva mais extensa do mundo. Nos locais em que a floresta foi abatida, mas não substituída, desenvolveu-se uma paisagem de charneca macaronésica que também possui um elevado valor ecológico.

Uma das principais características da Madeira é a sua excepcional riqueza em espécies endémicas. Até ao presente, foram identificadas mais de 120 plantas endémicas. Na Directiva Habitats, estão repertoriadas 46 espécies, entre as quais o raro gerânio-da-madeira

(*Geranium maderense*) e a espécie endémica cila-da-madeira (*Scilla maderensis*). A ave marinha mais rara do mundo, a freira-da-madeira (*Pterodroma madeira*), também nidifica na ilha. A sua população mundial total (130 a 160 indivíduos) está circunscrita a uma série de socacos inacessíveis, a 1 600 m acima do nível do mar. Apesar de todos os esforços para a conservar, esta espécie continua ameaçada pelo sobrepastoreio e pela predação por ratos e gatos.

A ilha de Porto Santo, mais pequena, não possui a mesma riqueza e diversidade da Madeira, devido sobretudo ao seu clima mais seco. Contudo, esta pequena ilha alberga nada menos do que 36 gastrópodes terrestres endémicos, dos quais 13 figuram na Directiva Habitats. As suas águas também são importantes para as espécies marinhas, como o roaz-corvineiro e as tartarugas marinhas.

Os restantes dois grupos, de ilhas muito mais pequenas, situam-se mais ao largo. As Desertas albergam uma das últimas populações de foca-monge do Mediterrâneo (*Monachus monachus*) nesta região da Europa, bem como a única colónia reprodutora da freira-do-bugio (*Pterodroma feae*), uma espécie ameaçada a nível mundial. As minúsculas Selvagens (245 ha) também acolhem grandes colónias de aves marinhas e inúmeras plantas endémicas raras. Estas ilhas estão incluídas na sua totalidade na Natura 2000 e são objecto de rigorosa protecção.



Fotografia © Columba trancas: Carlos Cabral

Floresta de laurissilva — Imagem de marca da região macaronésica

De todos os habitats da região macaronésica, nenhum é mais emblemático do que a floresta de laureáceas (laurissilva). Estes antigos habitats eram comuns no passado e cobriam grandes superfícies do continente europeu durante a Era Terciária. Actualmente, estão confinadas a algumas ilhas no Atlântico. Estima-se que restem apenas 30 000 ha de florestas originais de laurissilva da região macaronésica, a maior parte na ilha da Madeira. A maioria destas áreas é agora protegida pela Natura 2000 e estão a ser envidados esforços, nos três grupos de ilhas, para incentivar a regeneração e expansão da espécie.

Devido à sua longa evolução, a floresta de laurissilva alberga uma grande variedade de espécies únicas deste tipo de habitat, e que incluem muitas plantas endémicas, assim como quatro espécies de pombo-das-canárias que desempenham um papel importante na regeneração do habitat e ajudam a dispersar as sementes. Tal como a floresta de laurissilva onde evoluem, estas espécies também se encontram muito ameaçadas.



Campos de lava nas encostas do El Teide, Tenerife, Canárias — Fotografia © Carlos Ibero

Natura 2000 nas Canárias

As Canárias são o maior dos três arquipélagos, com uma superfície total de 7 242 km². Do ponto de vista biológico, são igualmente as ilhas mais ricas e com maior diversidade da região macaronésica. Os ventos alísios de oeste, frescos e húmidos, e os ventos secos e quentes do Sahara criam inúmeros contrastes climáticos, patentes no vasto leque de habitats existentes.

Nas ilhas ocidentais, com as suas montanhas íngremes e desfiladeiros profundos, ocorrem frequentemente inversões de temperatura, levando à formação de uma camada de nuvens em torno das montanhas, entre os 900 e os 1 500 m de altitude. A paisagem pode mudar no espaço de alguns quilómetros, passando de desértica ao longo da costa a uma floresta húmida verdejante nas montanhas.

Os habitats típicos das ilhas ocidentais incluem a floresta de laurissilva. Nas Canárias existem cerca de 18 000 ha, mas a maioria está altamente fragmentada e apenas 6 000 ha correspondem a florestas antigas. O melhor exemplo (3 000 ha) encontra-se em La Gomera. As Canárias possuem dois outros habitats florestais únicos no arquipélago: os palmeirais de palmeira-das-canárias e as florestas de pinheiro-das-canárias. Estas últimas localizam-se normalmente nas encostas montanhosas secas entre 800 e 2 000 m de altitude

e oferecem o último refúgio para o Tentilhão azul (*Fringilla teydea*), espécie endémica ameaçada a nível mundial.

Outros habitats característicos incluem zonas de charneca em que predomina a vegetação arbustiva (acima dos 1 900 m) e os surpreendentes campos de lava que rodeiam o vulcão El Teide, em Tenerife. Nas encostas mais baixas, outro tipo de vegetação, conhecido por «*cardonales*», cresce com facilidade na lava. Embora pertença à família das euforbiáceas, esta espécie é caracterizada pelas suas plantas semelhantes a cactos. Também estão representados outros habitats mediterrânicos típicos, nomeadamente as formações de mato mediterrânico, os olivais e as florestas antigas de zimbro.

As ilhas orientais de Lanzarote e Fuerteventura, de paisagem plana, contrastam fortemente com as ilhas ocidentais. Nas primeiras, a paisagem árida é dominada por dunas de areia imensas que se estendem para o interior, onde acabam por dar lugar a extensas áreas pré-desérticas de mato e charneca. Por conseguinte, a vegetação é bastante escassa e dominada por plantas bem adaptadas às condições do deserto.

Em termos de diversidade de espécies, as Canárias são, sem dúvida, um dos locais por excelência da biodiversidade na Europa. Até ao presente, já foram identificadas milhares de espécies e muitas outras estão ainda por descobrir. Cerca de 45% da fauna e 25% das espécies vegetais são endémicas.



O lagarto-gigante de El Hierro (*Gallotia simonyi*)

Nas Canárias vivem alguns dos maiores e mais invulgares lagartos do mundo. O raro lagarto-gigante de El Hierro é disso exemplo. Com 70 cm de comprimento, este bom gigante só foi descoberto em 1999, bem no alto de um penhasco inacessível da ilha de El Hierro. O seu habitat natural são as florestas de zimbro. Contudo, o efeito combinado da destruição do seu habitat e da acção dos predadores empurrou a espécie para zonas menos adequadas e colocou-a literalmente à beira da extinção.

Passados 5 anos, a situação é muito melhor, graças ao êxito da campanha de reintrodução através da libertação de animais nascidos em cativeiro nas florestas de zimbro, que são agora objecto de protecção. A ilha beneficiou também do afluxo de turistas atraídos por este réptil fugidio, pelo que não será de admirar que o lagarto-gigante de El Hierro se tenha tornado a sua mascote.



Ao longo da costa norte da Madeira. Fotografia © Kerstin Sundseth

Gestão dos sítios da região macaronésica

A insularidade das ilhas macaronésicas faz com que sejam muito frágeis. A actividade humana já destruiu ou transformou significativamente grandes áreas das ilhas. Estima-se em 20 milhões o número de pessoas que as visitam anualmente, pelo que as infra-estruturas turísticas surgiram um pouco por toda a costa. Por seu turno, este fenómeno acarreta outros problemas, como a falta de água, a poluição, os incêndios florestais e as actividades de lazer prejudiciais para o ambiente.

No interior, a pressão turística é menor mas a desflorestação em massa, nomeadamente da floresta de laurissilva, trouxe consigo outro tipo de problemas. Uma vez que estão quase sempre envolvidos em bruma, estes estratos de floresta perenifólia funcionam como esponjas, absorvendo a água da chuva e a humidade das nuvens e enchendo os aquíferos e linhas de água das ilhas. Além disso, também desempenham uma função essencial nestas ilhas de encostas abruptas, ao impedirem a erosão.

Floresta de laurissilva



Fotografia © Kerstin Sundseth



Fotografia © Parque Natural da Madeira

Erradicar as espécies alóctones

As plantas de jardim como o gengibre-selvagem (*Hedychium gardnerianum*), constituem uma séria ameaça para as espécies e os habitats indígenas. Introduzida pela primeira vez em 1934, esta espécie dos Himalaias passou por uma fase de colonização rápida, encontrando-se agora muito disseminada. Na ilha da Madeira, está a invadir as florestas de laurissilva, onde não só sufoca as plantas nativas como impede a floresta de se regenerar naturalmente.

A erradicação do *Hedychium* é uma tarefa muito laboriosa, dado que esta planta se expande como um espesso cobertor ao longo dos solos florestais. Não há outra solução senão arrancá-la à mão, tarefa dificultada pela inacessibilidade dos terrenos. O Parque Natural da Madeira conseguiu até agora limpar uma área suficientemente extensa que funciona como barreira de protecção, impedindo uma maior invasão da floresta. No entanto, esta actividade exige um seguimento e manutenção permanentes. Os agricultores locais também colaboram nesta tarefa cultivando as parcelas imediatamente contíguas à faixa de protecção, o que impede que o gengibre selvagem volte a instalar-se.

Esta dupla função de captura da água das chuvas e de travão aos deslizamentos de terras é claramente demonstrada nas ilhas que perderam as suas florestas, onde a precipitação é significativamente inferior ao normal, provocando escassez de água. Quando a chuva cai, não há nada que impeça a água de escorrer pelas encostas, cavando sulcos profundos e arrastando consigo grande parte das camadas superiores do solo.

Por outro lado, a actividade agrícola também está a mudar rapidamente na região. A antiga agricultura mista de subsistência, praticada em socalcos, tem vindo a ser abandonada e substituída pela produção industrial e intensiva de frutas exóticas, mais rentável.

As ilhas dos Açores, em especial, sofrem de forte poluição e eutrofização, provocadas pelo elevado número de bovinos utilizados na produção leiteira. De um modo geral, as pastagens são um problema, dado que impedem a flora indígena de desenvolver mecanismos de defesa adequados contra as pressões a que está sujeita. Consequentemente, mesmo os níveis «normais» de pastoreio podem ter um impacto muito negativo nas taxas de sobrevivência de diversas plantas e animais endémicos.

Outra grande preocupação consiste no elevado número de espécies alóctones que invadiram este território. Os ratos e gatos introduzidos nas ilhas atacam as aves que nidificam no solo, provocando a rápida diminuição das suas populações. Por seu turno, os coelhos e as cabras impedem a regeneração natural da vegetação nativa. As plantas exóticas exercem forte concorrência e acabam mesmo por se impor às espécies endémicas.

Apesar destas ameaças, os três governos autónomos manifestaram um grande empenhamento político na conservação da biodiversidade, incluindo uma parte substancial dos seus territórios na Natura 2000, em certos casos mais de um terço da ilha. Esta atitude determinada não só permite dar o impulso necessário para travar as ameaças acima referidas, como oferece às ilhas toda uma gama de novas oportunidades, por exemplo através do ecoturismo.

Os três grupos de ilhas estão na posição ideal para capitalizar este nicho de mercado em crescimento. Beneficiam de um clima ameno durante todo o ano e os preços dos voos são geralmente acessíveis. Além disso oferecem toda uma série de actividades para todos os gostos — das caminhadas nas montanhas das Canárias à observação de baleias nos Açores, passando pelos passeios nas levadas da Madeira (antigos cursos de água que transportam a água das chuvas das montanhas para irrigar os terraços cultivados).

A maioria das ilhas já começou a sentir os benefícios deste tipo de turismo alternativo. Além disso, ao contrário do turismo de massas, as receitas do ecoturismo revertem a favor das ilhas e beneficiam as pequenas empresas de turísticas.



Fotografia © R Prieto, ImagDOP



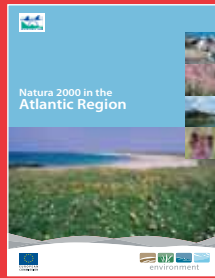
Fotografia © R Prieto, ImagDOP

Código de conduta para a observação de baleias

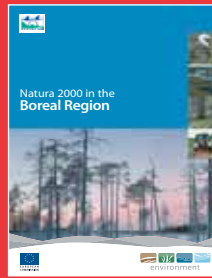
Situadas quase no meio do oceano Atlântico, as águas profundas dos Açores são bem conhecidas pela sua abundância de baleias e golfinhos. Nos últimos anos, surgiram várias empresas que organizam expedições para observação de baleias, incentivadas pelo crescimento geral do turismo nas ilhas. A fim de assegurar que estas actividades não afectem os mamíferos marinhos e sejam compatíveis com a Natura 2000, o Governo dos Açores elaborou um código de conduta obrigatório para a observação de baleias, em estreita colaboração com os operadores turísticos.

Em troca do respeito da regulamentação, as empresas locais recebem uma preciosa formação em gestão de empresas e em conservação do meio marinho. Hoje em dia, a observação de baleias nos Açores está a ganhar rapidamente uma reputação internacional de sustentabilidade e as empresas locais estão em pleno desenvolvimento.

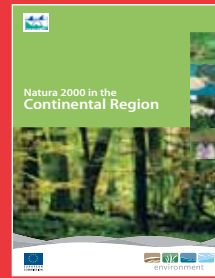
Nesta série:



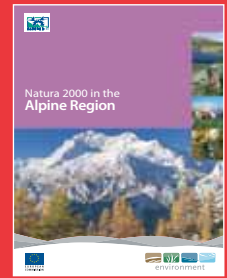
Natura 2000
na **região atlântica**



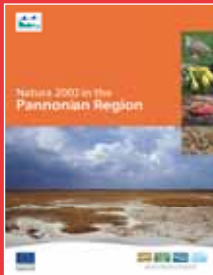
Natura 2000
na **região boreal**



Natura 2000
na **região continental**



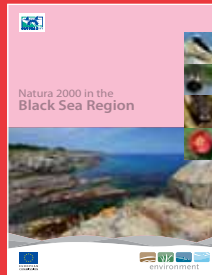
Natura 2000
na **região alpina**



Natura 2000
na **região panónica**



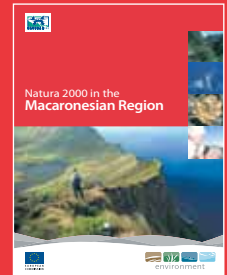
Natura 2000
na **região estépica**



Natura 2000
na **região do mar negro**



Natura 2000
na **região mediterrânica**



Natura 2000
na **região macaronésica**



A União Europeia tem nove regiões biogeográficas, cada uma das quais com a sua mescla característica de vegetação, clima e geologia. Os sítios de importância comunitária são seleccionados em função de cada região, com base em listas nacionais apresentadas por cada Estado-Membro. Actuar a este nível facilita os trabalhos de conservação das espécies e tipos de habitats em condições naturais semelhantes numa série de países, independentemente das fronteiras políticas e administrativas. Juntamente com as zonas de protecção especial designadas ao abrigo da Directiva Aves, os sítios de importância comunitária seleccionados para cada região biogeográfica constituem a rede ecológica Natura 2000, que se alarga pelos 27 países da União Europeia.

